

Preconceito e variação linguística no contexto escolar: o desafio dos alunos da E.E.F.M Mário Barbosa, residentes das Ilhas e do bairro da Terra Firme, Belém/PA

Rodrigo Souza Soares¹

Orientação: Prof^a. MSc. Vera Pimentel²

Resumo:

A pesquisa apresenta dados sobre o preconceito e a variação linguística na Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio Mario Barbosa, com alunos do Projeto Mundial do 6º ao 9º ano. O público alvo são estudantes que residem nas ilhas no entorno de Belém e no bairro da Terra Firme. A partir de um estágio realizado na escola, observou-se o preconceito sobre a fala dos alunos ribeirinhos e da periferia, além da variedade dialetal na comunidade escolar que possibilitou norte para a pesquisa. Os instrumentos foram coletas de dados e o uso de questionário, pesquisa bibliográfica e observação participante, cujo resultado contribuiu para esclarecer a existência do preconceito linguístico e a interferência no ensino-aprendizagem, por meio do conhecimento sobre a fala de cada grupo e as variedades linguísticas existentes na escola de forma positiva.

Palavras-chave:

Variação Linguística. Preconceito Linguístico. Ensino-aprendizagem.

1) Possui graduação em Letras-língua portuguesa e literatura, pela Universidade da Amazônia (2018), pós-graduando em nível *latu sensu* em língua portuguesa e literatura na sala de aula, pela Universidade Federal do Pará (2019).

2) Possui graduação em Letras - Habilitação em Inglês pela Universidade da Amazônia (2002), graduação em Educação Artística pela Universidade Federal do Pará (1985). Especialista em Linguística aplicada à Língua Inglesa - Unama (2002), mestrado em Comunicação, Linguagens e Cultura pela Universidade da Amazônia (2012) e doutoranda em Comunicação, Linguagem e Cultura - UNAMA (2018). Atualmente é professor adjunto I da Universidade da Amazônia, professor titular da Faculdade Metropolitana da Amazônia.

Abstract:

The research presents data on prejudice and linguistic variation in the State School of Elementary and Middle School Mario Barbosa, with students from the Mundiar Project from 6th to 9th grade. The target audience are students residing on the islands around Belém and in the neighborhood of Terra Firme. From a stage at the school, we observed the prejudice about the speech of the riverside students and the periphery, as well as the dialectal variety in the school community that enabled the north to research. The instrument for collecting data was a questionnaire, bibliographical research and participant observation, whose results contributed to clarify the existence of linguistic prejudice and the interference in teaching-learning, through the knowledge about the speech of each group and the linguistic varieties existing in the school of positive form.

Keywords:

Linguistic Variation. Linguistic Prejudice. Teaching-learning.

Sociolinguística

A sociolinguística é um ramo da Linguística que estuda o uso da língua em meio às comunidades falantes, ou seja, trata das relações entre língua e sociedade, o comportamento linguístico de membros de uma mesma sociedade e como ele é determinado pelas relações sociais. É uma ciência autônoma que iniciou no século XX e teve como pioneiro o sociolinguista William Labov. Portanto, a sociolinguística trata das variações e mudanças linguísticas, bilinguismo, contato linguístico, línguas minoritárias, política e planejamento linguístico, entre outros. Para Camacho (2001, p. 50), “como a linguagem é, em última análise, um fenômeno social, fica claro, para um sociolinguista, que é necessário recorrer às variações derivadas do contexto social para encontrar respostas para os problemas que emergem da variação inerente ao sistema linguístico”.

Camacho (2001) explica que a língua tem influência direta na causa e efeito de diversas áreas da vida dos seres humanos, pois, ela está tão ligada ao indivíduo que acaba fornecendo um conhecimento acerca dos falantes a partir da sua procedência. Logo, conclui-se que, não se pode entender o desenvolvimento de uma língua sem levar em conta a vida social da comunidade a qual ela está inserida, pelo fato de as comunidades serem plurilíngues, ou seja, possuírem comportamentos linguísticos variáveis.

Calvet (2001) afirma que a linguística surge a partir de uma necessidade de sistematização de um estudo das línguas para explicar suas variações. Sendo assim, toda e qualquer variável linguística parte de um grande estudo fundamentado em pesquisas de teóricos linguistas.

Portanto, levando em consideração que o público alvo foi composto por adolescentes advindos de regiões diferenciadas e partindo do princípio que os dialetos se diferenciam de

acordo com as comunidades, o conceito de sociolinguística nos ajuda a entender como ocorrem tais variações.

Um das maiores afirmações da sociolinguística é que a língua passa por variações e essas decorrem na fala dos indivíduos e que se forem analisadas serão facilmente percebidas. Portanto, as variações linguísticas são uma realidade voltada à vida social dos indivíduos e para compreendê-la melhor é necessário que se lute contra a obrigação de uma língua padrão, pois “uma das funções da sociolinguística é correlacionar as variações existentes na expressão verbal, as diferenças de natureza social, compreendendo cada domínio o linguístico e o social, como fenômenos estruturados e regulares”. Camacho (2007, p. 50).

O que falamos, e como falamos

A língua é considerada viva e dinâmica e está sujeita às variações dentro de diversos contextos, como: social, cultural, regional, entre outros. Bagno (2006) desmistifica em sua obra “Preconceito Linguístico” os principais mitos acerca do monolinguismo que ainda é muito debatido no país. A insistência em querer igualar o português brasileiro ao português de Portugal é um dos motivos que mais interferem na aceitação das variações do português falado no Brasil. Há uma grande confusão entre língua e gramática normativa, ou seja, o analfabeto funcional conhece a língua falada e ao ter contato com a escrita, a partir do uso da gramática normativa, sente extrema dificuldade, pois as inúmeras normas e regras lhe causam estranheza.

A norma culta não garante nada além no conhecimento gramatical e tal fato não é sinônimo de ascensão social. O modo como falamos pode dizer muito sobre nós, como faixa etária, região etc., porém, ainda sim, o preconceito está impregnado na cultura, principalmente em relação à região geográfica. Os

sulistas e sudestinos têm uma visão turva do norte e nordeste, por considerarem regiões atrasadas, tendem a acreditar que a linguagem falada nestas regiões é “errada”, por ser diferente do que lhes é considerado “correto”. Nota-se certa disputa entre os indivíduos acerca de quem fala melhor, quem sabe mais a língua, baseados nas normas gramaticais, o que possibilita que a discriminação seja encarada com tamanha naturalidade entre esses falantes. Torna-se necessário entender que o “erro”, segundo a gramática normativa, não interfere no entendimento da fala e não diminui o cognitivo do aluno, é apenas um desvio prescritivo.

Então, torna-se fundamental desconstruir o preconceito linguístico, conscientizando-se de que cada falante nativo de uma língua é um usuário competente dela, além de aceitar a ideia de que não existe erro de português. Outro detalhe importante é reconhecer que o que a gramática tradicional chama de erro são, na verdade, fenômenos, pois toda língua, apesar de ser o elemento principal de interação de uma comunidade, muda e varia constantemente.

Ao se abordar língua ou idioma de uma comunidade pode-se inferir que esta é mutante, seja no âmbito nacional ou pessoal. O modo de falar de cada grupo linguístico possui um tipo específico de variação, por isso a língua está se renovando a cada momento, com as palavras evoluindo, readaptando-se, saindo de “moda” e voltando ao uso.

A variação linguística ocorre quando dois indivíduos que falam a mesma língua usam termos diferentes em um mesmo contexto. Analisemos o texto abaixo:

Samba do Arnesto

O Arnesto nos convidou pra um samba, ele mora no Brás

Nós fumos, não encontremos ninguém
Nós voltermos com uma baita de uma reiva

Da outra vez, nós num vai mais
Nós não semos tatu!

O Arnesto nos convidou pra um samba, ele mora no Brás

Nós fumos, não encontremos ninguém
Nós voltermos com uma baita de uma reiva
Da outra vez, nós num vai mais

No outro dia encontremo com o Arnesto
Que pediu desculpas, mas nós não aceitamos

Isso não se faz, Arnesto, nós não se importa
Mas você devia ter pohnado um recado na porta

O Arnesto nos convidou pra um samba, ele mora no Brás

Nós fumos, não encontremos ninguém
Nós voltermos com uma baita de uma reiva
Da outra vez, nós num vai mais

No outro dia encontremo com o Arnesto
Que pediu desculpas, mas nós não aceitamos

Isso não se faz, Arnesto, nós não se importa
Mas você devia ter pohnado um recado na porta

Um recado assim ói: “Ói, turma, num deu pra esperá

Ah, duvido que isso num faz mar, num tem importância

Assinado em cruz porque não sei escrever”
Arnesto

Adoniran Barbosa – Samba do Arnesto
(1955)

Fonte: <http://vagalume.uol.com.br/adoniran-barbosa/samba-do-arnesto.html> (Acesso: 05 maio 2018)

No “Samba do Arnesto” são utilizadas palavras comuns, com características próprias de grau de instrução. Todavia, algumas pessoas desconhecem que cada indivíduo falante da Língua Portuguesa tem as suas particularidades quanto à linguagem, levando-se em consideração o contexto social, o

regional e cultural. A variação linguística, de acordo com Bagno (2006), parte do princípio de que a língua é viva e que tudo aquilo que se contrapõe a esta condição está morto, ultrapassado. Por isso, a gramática normativa é considerada pelo autor como um igapó, "(...) um terreno alagadiço à margem da língua. Enquanto a água do rio/língua por estar em movimento se renova incessantemente, a água do igapó/gramática normativa envelhece e só se renovará quando vier a próxima cheia (...)" (BAGNO, 2006, p. 10). Com essas considerações, se constrói a diferença entre a dinâmica da língua/rio e o apego às normas/igapó da língua culta, que são guardadas de maneira conservadora, preconceituosa e prejudicial à vida social. Para Guy (2006), a percepção sobre a diversidade linguística não está ligada, basicamente, às teorias constituídas a partir das pesquisas realizadas na área sociolinguística, mas também pelo convívio em meio a outras culturas e regiões. Contudo, esse mesmo convívio ocasiona a ilusão de que a linguagem utilizada pelo outro é tida como "incorreta" em relação a de um grupo específico.

O autor aborda o quanto a diversidade linguística é importante para uma língua e que ainda que seja o foco de pesquisas sociolinguísticas, tais pesquisas não se fazem necessárias para que consigamos perceber a existência das variedades. Ou seja, basta a experiência de mundo, o convívio com o outro para que se possa notar as variações que ocorrem em diversos aspectos, como já foi visto anteriormente.

O preconceito a partir da fala

O preconceito linguístico surge a partir das variações linguísticas existentes em um idioma. Associado a aspectos históricos, culturais e sociais de um determinado grupo, esse preconceito é considerado um importante motivador da exclusão social. No

Brasil, o preconceito linguístico é facilmente percebido quando grupos se consideram superiores a outros pela maneira de falar, já abordado antes. Um exemplo disso são os falares dos sulistas em relação aos nortistas e nordestinos, pois, apesar de usarem o mesmo idioma, estes apresentam peculiaridades regionais muito características. Ressalta-se que, essas peculiaridades podem ocorrer, inclusive, no próprio estado e cidade que a comunidade linguística está inserida. Segundo Possenti (1996), o preconceito linguístico é muito maior dentre falantes de uma mesma língua, por diversas razões, como ele cita na passagem acima. Na visão do autor, esses indivíduos dificilmente aceitam uma linguagem diferente da sua, visto que todos utilizam o mesmo idioma.

É importante que se saiba reconhecer as variedades da língua, a fim de se banir os julgamentos por parte dos falantes, diga-se, de mais prestígios. Em todas as comunidades linguísticas ocorrem variações e torna-se necessário considerar que nenhuma língua é falada da mesma maneira em todos os lugares. Parte desse preconceito ocorre porque o ensino no Brasil consiste em seguir uma gramática normativa que rege as normas do Português utilizado em Portugal, desconsiderando as variedades que ocorrem na língua nas regiões do país. Portanto, o "falar bem" acaba se tornando um trunfo para parte da sociedade brasileira, possibilitando a discriminação com o outro, menos favorecido.

Por meio dos seguidores preconceituosos da norma culta, um sujeito é julgado inteligente ou não, a partir do seu modo de falar, a partir da linguagem utilizada. E sendo a sociedade brasileira preconceituosa, quando se leva em consideração a fala, não há diferença. Sobretudo, é papel da escola e do professor fazer com que os alunos aceitem as diferenças dialetais, possibilitando entender o porquê e como ocorrem.

O confronto de culturas, o preconceito e o *bullying* no contexto escolar

A Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio Mário Barbosa, situada no bairro da Terra Firme, na cidade de Belém do Pará, alvo da pesquisa de campo dessa investigação, recebe alunos ribeirinhos da região amazônica no entorno de Belém. Por estar inserida em um dos bairros periféricos da cidade, os alunos da região e os alunos ribeirinhos possuem suas comunidades linguísticas, com falares diferenciados, a partir do uso de termos próprios provenientes destas culturas. Logo, quando há no mesmo local (no caso na escola), duas culturas que se fazem presentes em suas marcas oratórias notam-se um impasse de qual comunidade fala “mais certo ou errado”, gerando o que se chama de preconceito linguístico. Isso ocorre em função do desconhecimento da cultura do outro, visto que a variação linguística sempre vai existir e as expressões diferenciadas surgem por meio da diversidade de cada região.

Durante o período de estágio do autor, em questão, percebeu-se que havia necessidade de se fazer algo, já que o preconceito em torno da fala é muito grande, como qualquer outro, seja por raça ou gênero etc. É extremamente prejudicial para qualquer pessoa, a não aceitação por um grupo de uma determinada sociedade, pois, tal fato pode causar problemas psicológicos irreversíveis. Observou-se que a exclusão está bem inserida na comunidade escolar, cujos alunos da periferia tendem a acusar os alunos ribeirinhos de qualquer ato errôneo no interior da instituição, usando, inclusive, o termo “ribeirinho”, dito de forma pejorativa, como se eles não fizessem parte da comunidade escolar.

Logo, notou-se que o *bullying* é muito presente naquele ambiente escolar, principalmente em relação à fala e alguns termos

que esses indivíduos trazem de suas culturas. Pelo fato de ir e vir todos os dias de suas localidades específicas, os alunos passaram a se isolar em grupos segregados dentro e fora da escola. Percebe-se que alguns estudantes evitam falar perto de outros que não fazem parte da mesma “comunidade”, ficam com receio de se expressar em público e até mesmo de interagir em sala de aula. Com tanto preconceito em um mesmo local, a evasão escolar é alta e a maioria acaba desistindo de frequentar a escola por não suportar tal situação.

Por outro lado, há os alunos da periferia, que pertencem a uma comunidade violenta, que não possuem incentivos por parte da família para estudar. Em alguns casos, os próprios pais acham “que o estudo é uma perda de tempo”, e assim percebe-se a injusta realidade desses indivíduos, cujo acesso à marginalidade, drogas, bebidas e prostituição muitas vezes acabam sendo as únicas opções para eles devido à realidade vivida na comunidade. Como em qualquer bairro periférico de Belém, alguns adolescentes lidam com a violência dentro de casa, a convivência com presidiários, a influência dos gostos musicais que incentivam um linguajar marginalizado perante a sociedade, como: rap/funk fazem parte do cotidiano desses seres humanos. Assim como os alunos ribeirinhos, que enfrentam o preconceito linguístico e outros pré-julgamentos, os alunos da periferia também sofrem discriminação, não sendo perceptível por eles, por estarem dentro de sua própria comunidade linguística. Como diz Tarallo (1985, p. 5), “tudo aquilo que não pode ser prontamente processado, analisado e sistematizado pela mente humana provoca desconforto”.

Contudo, surgiu uma inquietação a partir da observação de que, se os alunos da periferia também sofrem preconceito linguístico, por que o praticam? O que pode ser feito para amenizar essa situação?

A pesquisa

O presente artigo apresenta um estudo de caso sobre variação linguística, realizado em uma escola pública estadual, localizada no bairro da Terra firme, na cidade de Belém – PA, que atende a um público diversificado de moradores das comunidades locais e das regiões das ilhas no entorno de Belém. Foi desenvolvido em duas etapas, com a primeira em pesquisa bibliográfica, através de consulta de livros, artigos, monografias e sites de pesquisa que possibilitou obter um maior conhecimento e entendimento acerca do tema escolhido, facilitando o processo de análise e de coleta de dados. A segunda etapa, como pesquisa de campo, possui abordagem quali-quantitativa, exploratória/descritiva que envolve métodos qualitativos, os quais tentam entender o comportamento dos envolvidos e métodos quantitativos, em que se investiga estatisticamente um problema para entender a sua dimensão. Foram aplicados 02 questionários, o primeiro, socioeconômico-cultural, com o intuito de se conhecer os alunos estudados e o segundo, que trata da variação e preconceito linguístico, para buscar entender o quanto o preconceito está inserido naquele meio. Selecionou-se 12 alunos do Projeto Mundiari, projeto este desenvolvido pela Secretaria de Estado de Educação em parceria com a Fundação Roberto Marinho. O projeto, em questão, tem como objetivo a aceleração da aprendizagem, para aqueles alunos que estão fora da faixa etária no ensino regular, possibilitando que terminem o Ensino Fundamental do 6º ao 9º ano em 24 meses. Logo, foram entrevistados 06 alunos moradores das ilhas no entorno de Belém (ribeirinhos) e 06 alunos residentes no bairro da Terra Firme, a fim de analisar o comportamento acerca da variedade linguística que se faz presente na comunidade escolar.

Optou-se pela turma do Projeto Mundiari por ser uma turma desafiadora, os alunos que a compõem são alunos que estão fora

do ensino regular e da faixa etária padrão. Esses alunos possuem um déficit muito grande em relação ao ensino-aprendizagem pela falta de professores que estimulem essa formação de forma positiva. Um dos grandes desafios dos professores do projeto é fazer com que os alunos fiquem atentos às aulas, pois a maior parte são aulas em vídeo, para que possam obter um bom rendimento ao longo do ano.

Pelo fato de as turmas serem compostas por alunos de idades distintas, a socialização fica comprometida, visto haver estudantes com doze e treze anos de idade, que convivem com outros de mais idades, entre dezesseis, dezessete e até dezoito anos, cujos conceitos e contextos acabam em conflitos internos. O pré-julgamento e o *bullying* são notáveis em diversos momentos na turma, a não aceitação da cultura do outro e a negação de sua própria identidade cultural acarretam problemas no desenvolvimento da turma, além das mazelas sociais que advém da periferia, principalmente a violência que se mantém viva na turma.

Por esses e outros conflitos e situações problemáticas, a turma do Mundiari é conhecida como “turma problema”. Logo, é um desafio para a comunidade escolar, pois não podem ser excluídos e sim incluídos para que se possa mudar a realidade do ensino público e dos projetos de aceleração, que são necessários, porém muitas vezes possuem um olhar de menosprezo pelos docentes e técnicos da escola.

Os alunos convidados para a participação da pesquisa são alunos que possuem baixo rendimento escolar, problemas de socialização e retração, dificuldades de falar em público, ler em voz alta e até de responder a frequência escolar. São alunos que se envolvem em conflitos constantes e usam da força bruta para impor as suas opiniões e modo de ser perante outros, principalmente para com os mais novos e os das regiões

das ilhas, por serem retraídos e com receio de se expor na escola e sofrer represálias.

Percebe-se no perfil dos estudantes pesquisados, que dificilmente os pais ou responsáveis visitam a escola, não fazem acompanhamento de suas atividades escolares, pais que se mantêm ocupados em suas rotinas de trabalho ou casa, sem tempo para acompanhar o desenvolvimento escolar de seus filhos. São adolescentes ociosos ou trabalhadores que não possuem o hábito de estudar em casa e veem a escola como diversão ou qualquer outra concepção, menos como um espaço de formação pessoal e intelectual, deixando a desejar nas avaliações e no ensino-aprendizagem.

A pesquisa iniciou-se com doze alunos, separados em subgrupos para melhor avaliá-los e fazer uma observação mais concreta de seus perfis. Dos alunos residentes no bairro próximo da escola, temos uma menina de 14 anos e cinco meninos (um de 13, um de 14 e três alunos de 15 anos), que possuem um perfil bastante promissor, pois apresentam interesse pelo estudo, porém não conseguem concretizá-lo, por haver barreira social e cognitiva que os impede de realizar essa atividade. Veem a escola como válvula de escape, a violência doméstica e a violência da própria comunidade acabam sendo refletidas em seus comportamentos na instituição de ensino.

Apesar de serem alunos rodeados de pessoas, são carentes de carinho e afeto, mal interpretados e julgados por membros da comunidade escolar, pois possuem problemas sociais até mesmo dentro de suas próprias residências, como drogas, gravidez precoce, falta de estrutura familiar, falta de incentivo para levar os estudos a sério, jovens que precisam de limites e responsabilidade para com a escola. Em contrapartida os alunos da região das ilhas, foram duas meninas (de 14 e 15 anos) e

quatro meninos (dois de 14 e dois de 15 anos), cujo perfil diverge dos outros alunos da comunidade, pois possuem como principal fonte de renda a agricultura e a pesca. Convivem muito com a natureza e apresentam um perfil sócio cultural diferente, não só na cultura, mas também na fala, no modo de agir e nos costumes. Em suas comunidades são alunos falantes e interacionistas, diferente do que apresentam na escola, onde são retraídos, tímidos e receosos. Por conta desse comportamento inseguro e divergente, acabam sofrendo violência e *bullying* dos outros alunos, o que culmina com a evasão escolar, pela não aceitação dos outros alunos e até mesmo dos próprios funcionários. Há uma discriminação pela cultura diferenciada da comunidade urbana em torno da escola, para algumas pessoas, pois o que é diferente, nem sempre é bem aceito.

Posteriormente, por meio da pesquisa de campo, iniciou-se a observação do comportamento dos alunos alvo e dos funcionários em relação a estes alunos, o que se trata de uma “observação participante” que, segundo Marconi e Lakatos (2011, p.79) é quando o pesquisador entra em contato com os membros do grupo pesquisado e participa das atividades normais do mesmo. Ou seja, o pesquisador se infiltra no grupo a ponto de fundir-se aos seus membros e participa de suas atividades, tem como objetivo conquistar a confiança do grupo para um melhor desempenho da pesquisa, sendo claro quanto aos seus objetivos.

Além disso, estabeleceu-se um bate-papo entre os alvos da pesquisa sobre o preconceito linguístico dentro do ambiente escolar, a fim de se verificar se há preconceito, de que forma ocorre e o que é ou deveria ser feito para conter esses atos. Em seguida, aplicou-se os dois questionários aos alunos contendo 09 e 15 questões diretas, objetivas e subjetivas, respectivamente, além de uma conversa com alunos, profes-

sores do projeto Mundiar e técnicos em educação. Com base nos dados coletados via questionários e conversas realizadas, iniciou-se uma análise comentada não só estatisticamente, como qualitativamente, por meio dos fenômenos identificados para

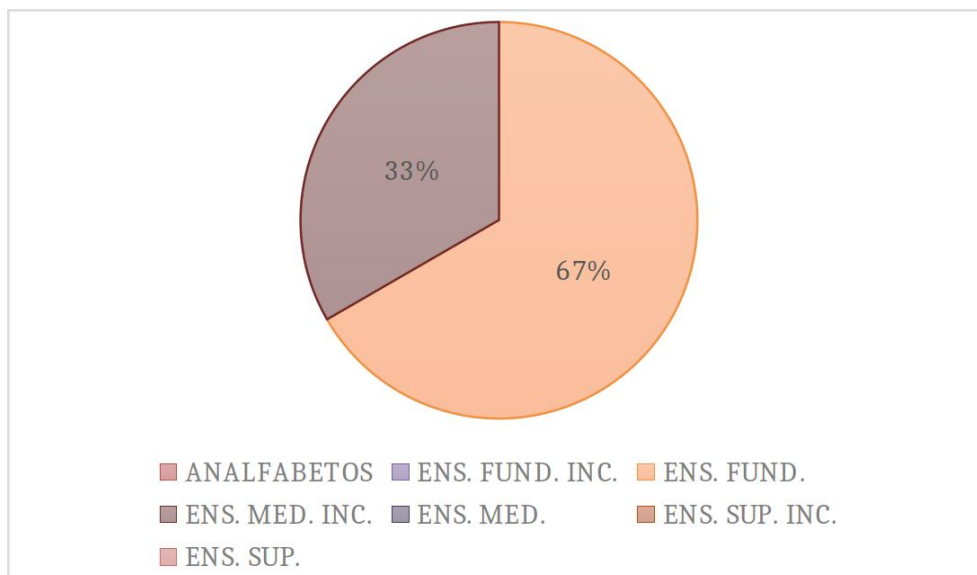
tais situações, com as respostas apresentadas em gráficos. Mediante essas análises, os pesquisadores fizeram suas considerações, para então comparar os dados a fim de que se possa sugerir soluções para os problemas encontrados na investigação.

Dados da pesquisa: resultado obtido com a aplicação dos questionários

Questões do questionário socioeconômico e suas análises.

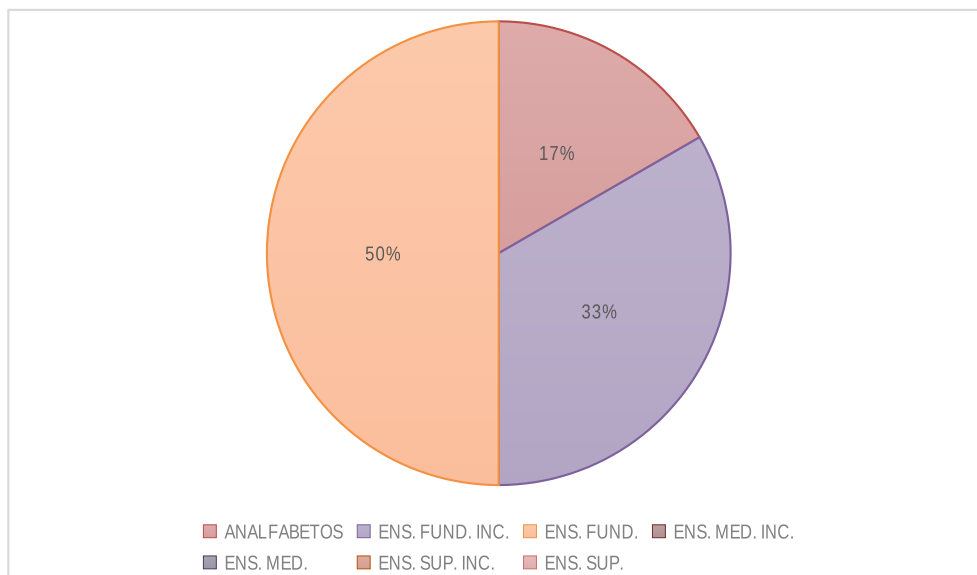
01 - A questão trata do nível de escolaridade dos pais dos alunos. Aplicada com o intuito de coletar dados para análise de possível influência e/ou incentivo dos pais em relação aos estudos dos filhos.

Gráfico 1: Nível de Escolaridade dos pais (Terra Firme)



Fonte: dados da pesquisa, 2018.

Gráfico 2: Nível de escolaridades dos pais (Ribeirinhos)



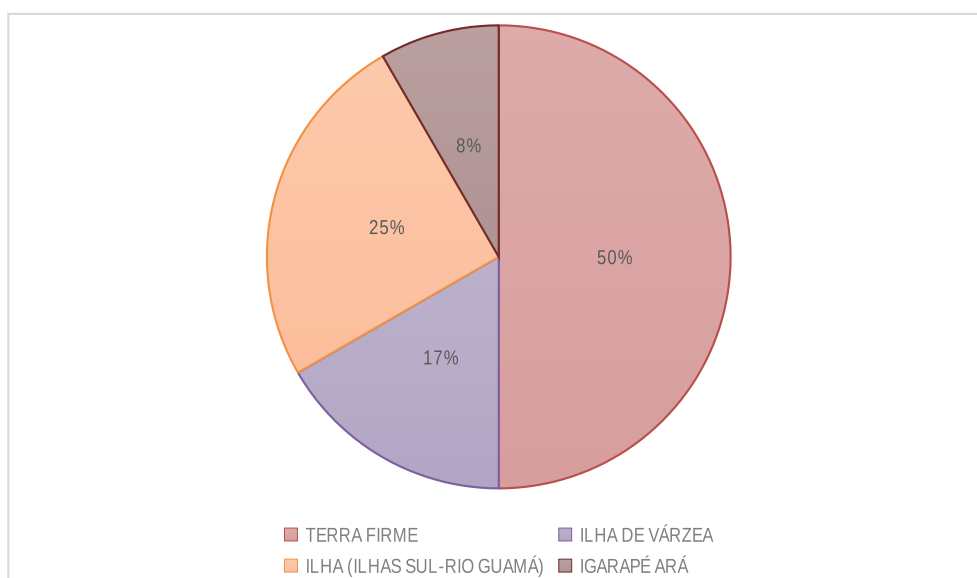
Fonte: dados da pesquisa, 2018.

De acordo com os dados apresentados nos gráficos 1 e 2, há um pai analfabeto, que por viver e nascer nas ilhas, possui pequena possibilidade de acesso à educação. Essa é uma cultura que valoriza o trabalho, a mão de obra, agricultura e a pesca, meio de sobrevivência, sem o mínimo de instrução para fazer o acompanhamento dos filhos na escola.

De acordo com os dados, tantos dos alunos da periferia quanto dos alunos ribeirinhos, os pais possuem o Ensino Fundamental completo, logo se entende que muitos desses pais não fazem o acompanhamento dos filhos na escola, por desconhecerem as disciplinas no cotidiano dos alunos. Para os pais que possuem o Ensino Médio completo e que residem na cidade de Belém, talvez por conta do trabalho, dia corrido, não se fazem presentes na vida estudantil dos alunos, tanto na escola, quanto em casa. Logo, com os resultados apresentados, pode-se notar que os pais dos alunos da comunidade tiveram mais acesso aos estudos que os pais dos alunos das ilhas.

02 – A questão trata da localidade em que residem os alunos, para que se tenha conhecimento dos locais de onde vieram e o processo de separação dos grupos: ribeirinho e terra firme.

Gráfico 3: Quanto à localidade onde moram.

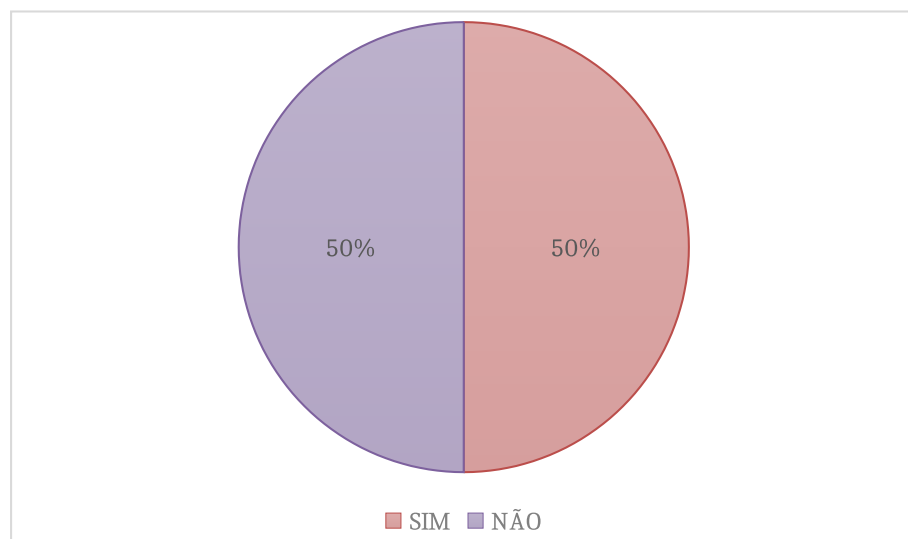


Fonte: dados da pesquisa, 2018.

De acordo com o gráfico 3, percebe-se que a maioria dos alunos residem no bairro da Terra Firme e moram no entorno, convivem a maior parte do tempo na escola, porém estão muito próximos da violência que assola a comunidade. Dos ribeirinhos, dois alunos moram na ilha da Várzea, três residem na Ilha Sul e um em Igarapé Ará.

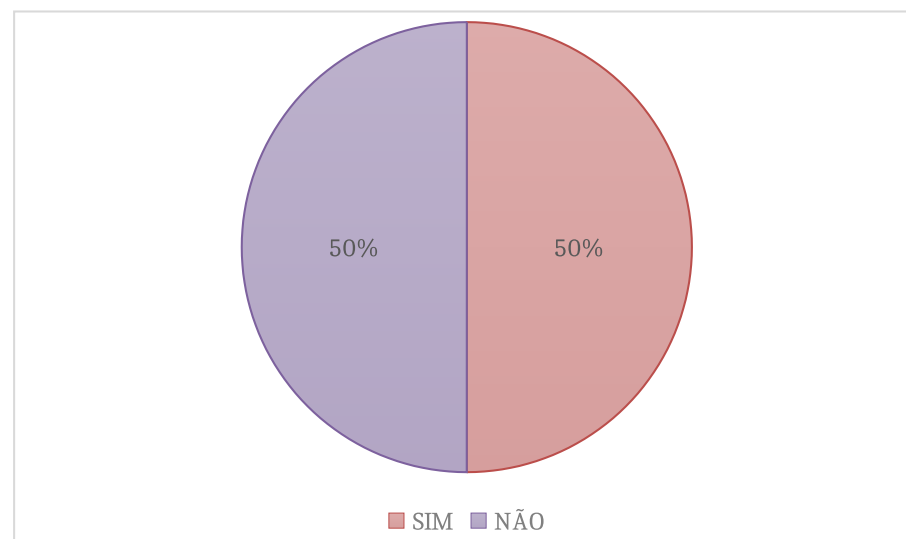
03 – A questão pede a opinião dos alunos em relação ao preconceito no Brasil para quem não fala a língua padrão.

Gráfico 4: Na sua opinião, há preconceito no Brasil em relação a quem não fala a língua padrão? (Terra Firme)



Fonte: dados da pesquisa, 2018.

Gráfico 5: Na sua opinião, há preconceito no Brasil em relação a quem não fala a língua padrão? (Ribeirinhos)



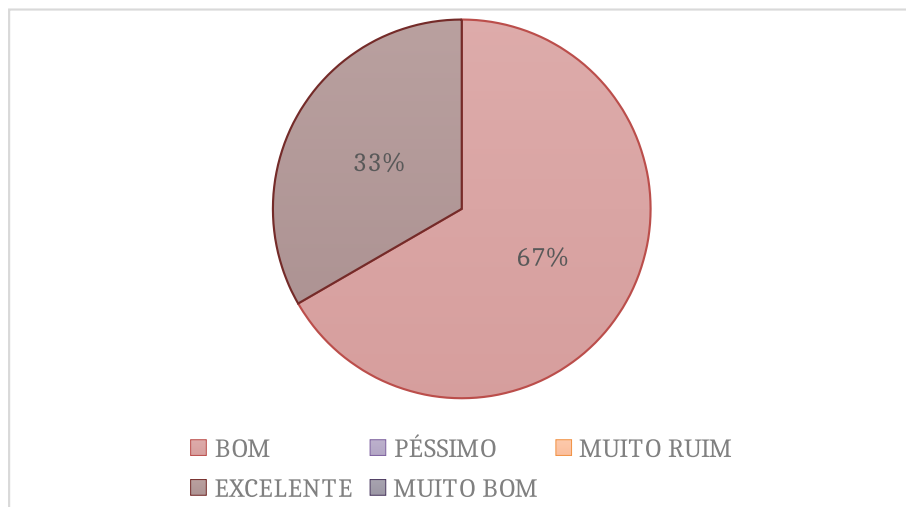
Fonte: dados da pesquisa, 2018.

Nos gráficos 4 e 5, tanto os alunos do bairro quanto os ribeirinhos ficaram bem divididos em 50% para sim e 50% para não. Houve uma breve explanação sobre o que é preconceito linguístico para fins de explicação, porém talvez nem todos tenham prestado atenção ou não tenham vivenciado uma situação de preconceito linguístico acreditando que realmente não ocorra no país.

Questões do questionário sociolinguístico e suas análises.

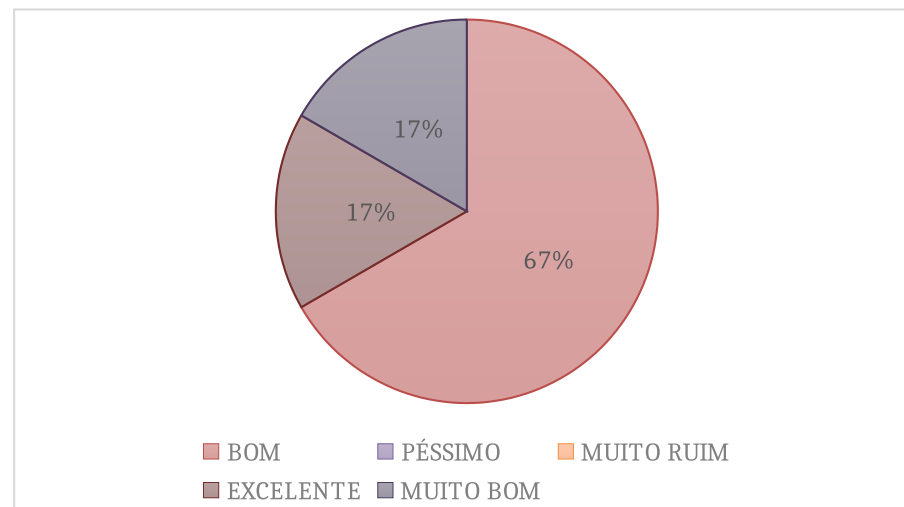
01 – Na pesquisa sociolinguística, questiona-se ao aluno o que ele acha de sua fala em relação à Língua Portuguesa.

Gráfico 1: O que você acha da sua fala em relação à Língua Portuguesa? (Terra Firme)



Fonte: dados da pesquisa, 2018.

Gráfico 2: O que você acha da sua fala em relação à Língua Portuguesa? (Ribeirinhos)

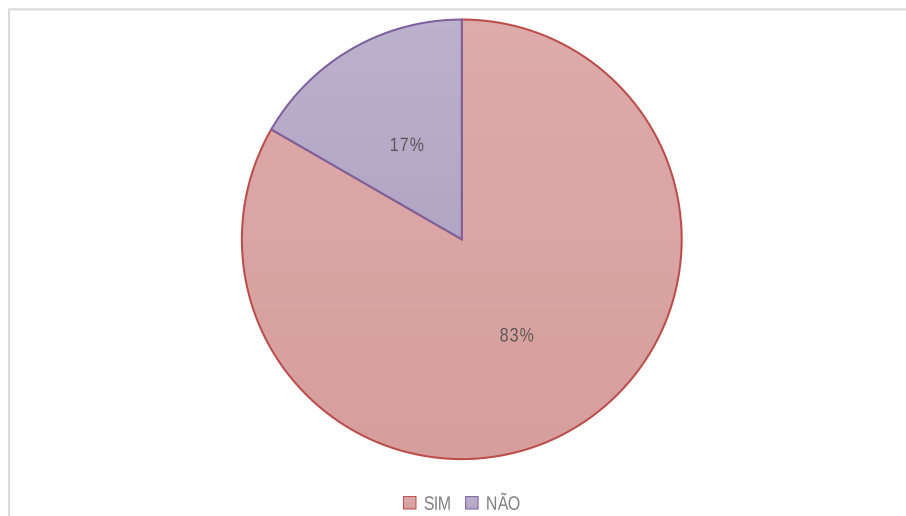


Fonte: dados da pesquisa, 2018.

De acordo com os gráficos 1 e 2, 67% alunos do bairro da Terra Firme se dizem bons falantes da Língua Portuguesa e 33% se consideram excelentes falantes da língua. Já os alunos residentes nas ilhas, 67% se dizem bons falantes, 17% responderam que são muito bons e 16% se consideram excelentes.

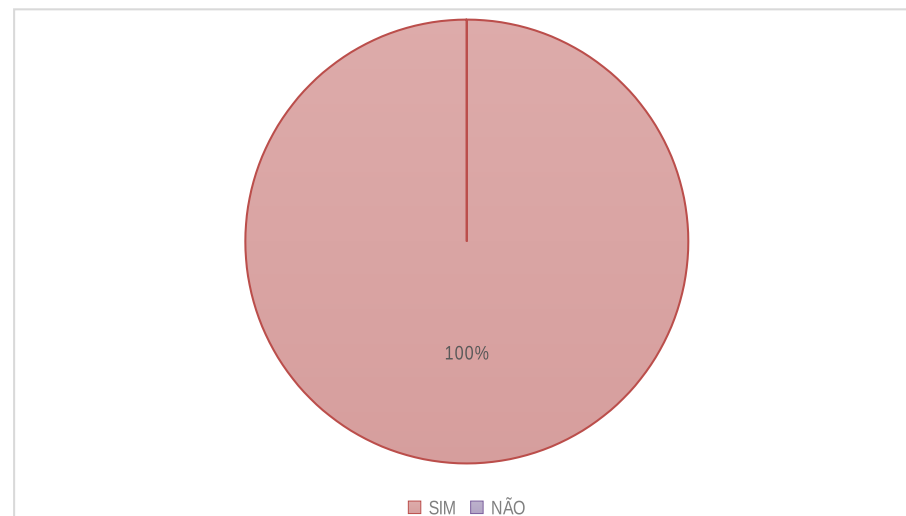
02 – Tem alguma(s) palavra (s) que você conhece de uma forma e muitos falam de outra forma? Quais?

Gráfico 3: Existe palavras que você conhece de uma forma e muitos falam de outra? (Terra Firme)



Fonte: dados da pesquisa, 2018.

Gráfico 4: Existem palavras que você conhece de uma forma e muitos falam de outra? (Ribeirinhos)



Fonte: dados da pesquisa, 2018.

TERRA FIRME	RIBEIRINHOS
CALVÃO	CALVÃO
CHICRETE	CHICRETE
FALANO	CELVEJA
FRECHA	FRECHA
	TORDA

Tabela 1: Palavras pronunciadas de forma diferente. Fonte: dados da pesquisa, 2018.

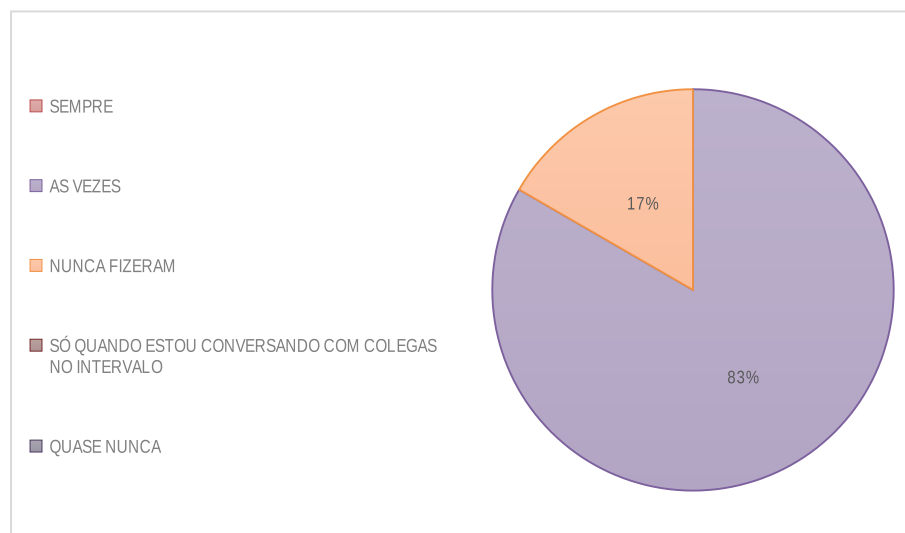
Percebe-se a partir dos dados dos gráficos 3 e 4 e da tabela acima, que uma grande maioria dos alunos já ouviram palavras mencionadas por outras pessoas de outras formas, como as citadas acima. Entre os estudantes da Terra Firme, uma única aluna informou que já ouviu as palavras: *chicrete* e *frecha*, quanto aos meninos, apenas 17% diz nunca ter ouvido tais palavras de maneira diferente das que conhece, enquanto que os

outros afirmaram que ouviram: *chicrete*, *falano*, *calvão* e *frecha*.

Quanto aos ribeirinhos, todos afirmaram já ter escutado palavras que conhecem de uma forma, sendo pronunciadas por outras pessoas de maneira diferente, como por exemplo as alunas que disseram já ter escutado: *torda* e *frecha*, já os meninos ouviram: *calvão*, *celveja*, *torda*, *chicrete* e *frecha*.

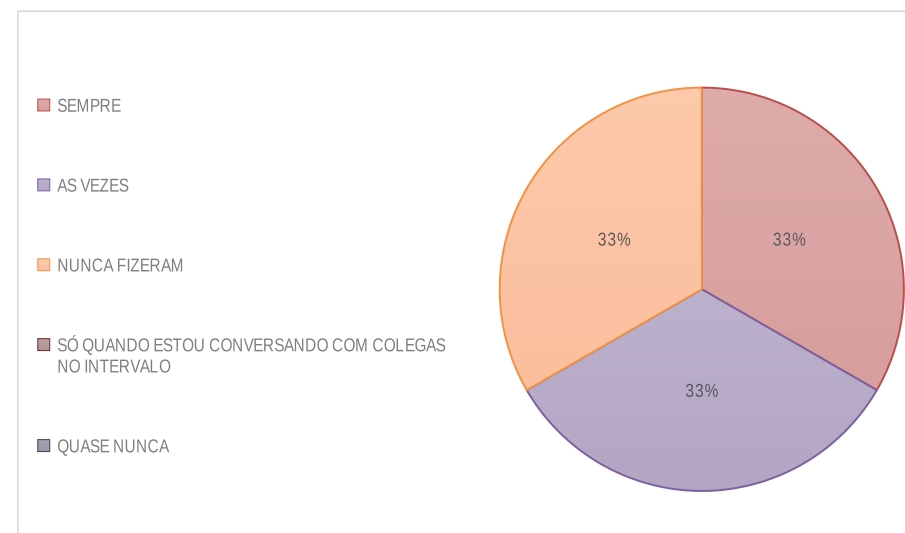
03 – Os professores fazem correções quanto a sua forma de falar?

Gráfico 5: Os professores fazem correções quanto à sua forma de falar? (Terra Firme)



Fonte: dados da pesquisa, 2018.

Gráfico 6: Os professores fazem correções quanto à sua forma de falar? (Ribeirinhos)

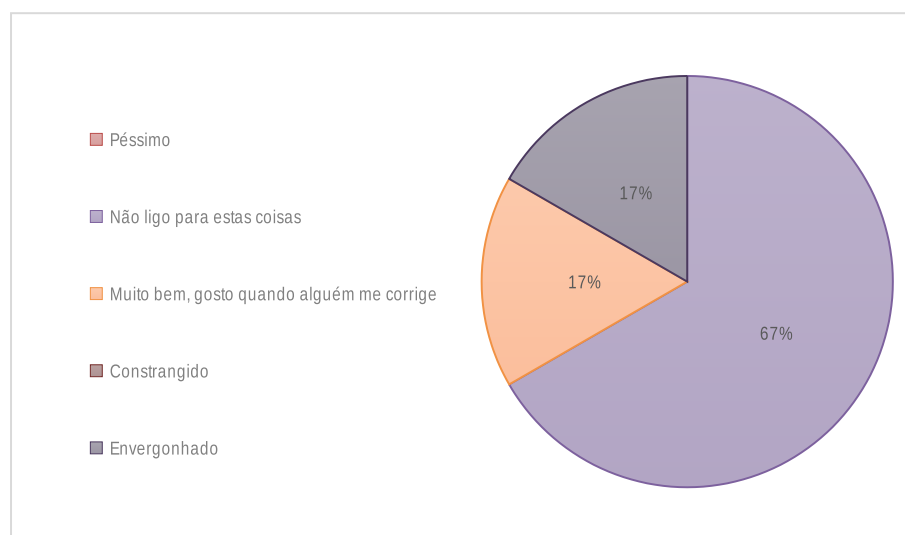


Fonte: dados da pesquisa, 2018.

Quando questionados se os professores costumam fazer correções sobre suas falas, de acordo com os gráficos 5 e 6, 83% dos alunos da Terra Firme, 83% às vezes são corrigidos e outros 17% afirmaram nunca terem sido corrigidos por professores. Quanto aos ribeirinhos, estão bem divididos entre 34% que sempre sofrem correção, 33% às vezes e 33% nunca foram corrigidos.

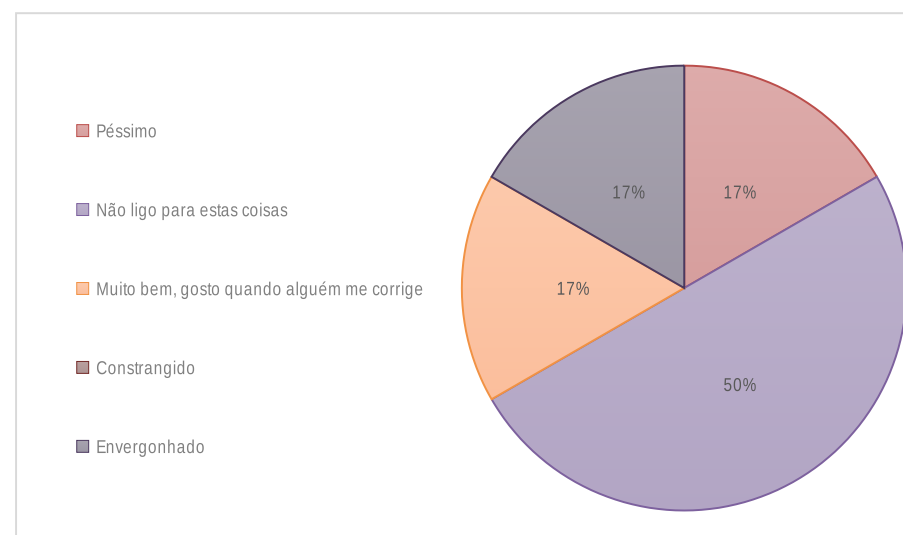
04 – Como você se sente quando alguém faz uma correção de algo que você falou?

Gráfico 7: Como você se sente quando alguém faz uma correção de algo que você falou? (Terra Firme)



Fonte: dados da pesquisa, 2018.

Gráfico 8: Como você se sente quando alguém faz uma correção de algo que você falou? (Ribeirinhos)

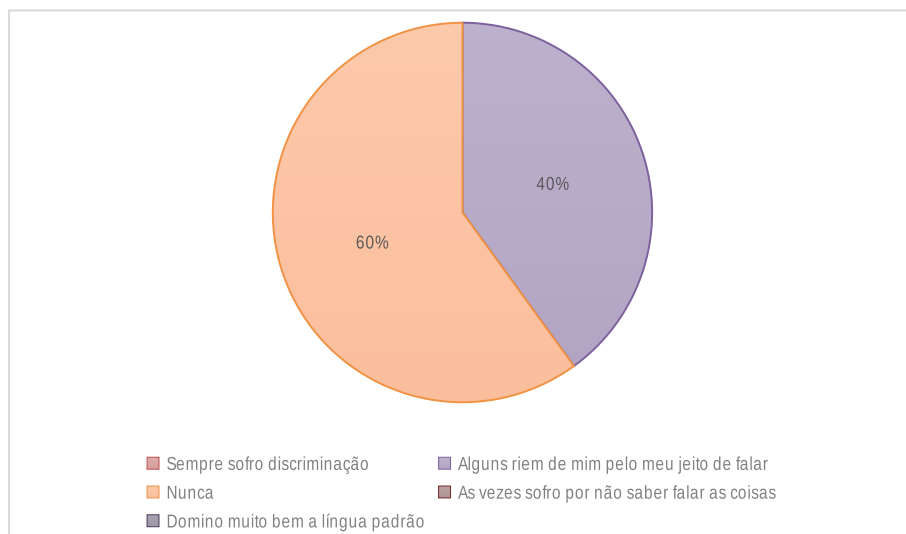


Fonte: dados da pesquisa, 2018.

Como se pode ver nos gráficos, 7 e 8, 67% dos estudantes da Terra Firme e 50% dos ribeirinhos dizem não se importar quando têm a fala corrigida. Dos alunos 17% da periferia dizem sentirem-se envergonhados, porém outros 16% dizem gostar, pois encaram como uma crítica construtiva. Entre os ribeirinhos, além dos que dizem não se importar, 17% declararam se sentirem bem, 17% disseram que se sentem constrangidos e 16% restante afirmaram sentirem-se péssimos com a situação.

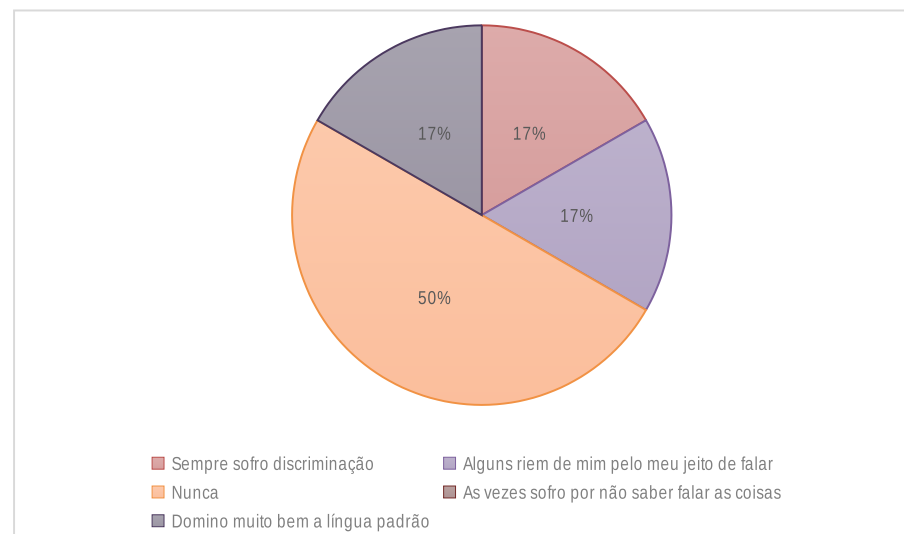
05 - Você já sofreu algum preconceito por ter falado algo considerado "errado" por alguém?

Gráfico 9: Já sofreu preconceito por ter falado algo considerado "errado" por alguém? (Terra Firme)



Fonte: dados da pesquisa, 2018.

Gráfico 10: Já sofreu preconceito por ter falado algo considerado "errado" por alguém? (Ribeirinhos)



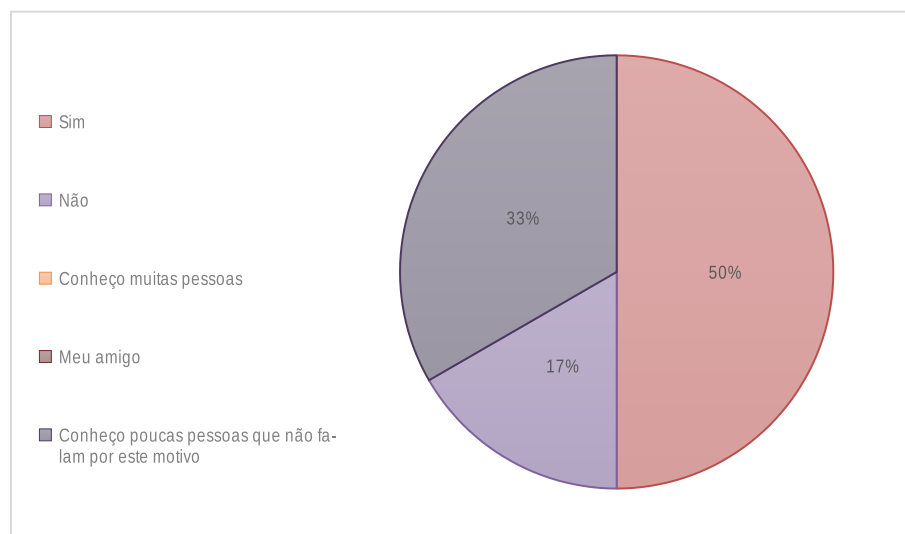
Fonte: dados da pesquisa, 2018.

Os gráficos 9 e 10, são bastante reveladores, 60% dos alunos do bairro da Terra Firme, nunca sofreram preconceito pela fala e 40% afirmam que quando falam, as pessoas riem pela forma como falam. Os alunos ribeirinhos 50% nunca sofreram preconceito pela fala, 17% dominam muito bem a língua padrão, 16% sempre sofrem com discriminação e 17% revelam que quando falam, outras pessoas riem do seu modo de falar.

Observa-se que os alunos da periferia sofrem menos preconceito pela oratória do que os alunos ribeirinhos, que são discriminados, visto que as pessoas riem do modo da fala deles. Se dizem dominar a língua padrão 17%, pensam que é o ato de fala, e desconhecem todas as regras e conceitos gramaticais da norma culta.

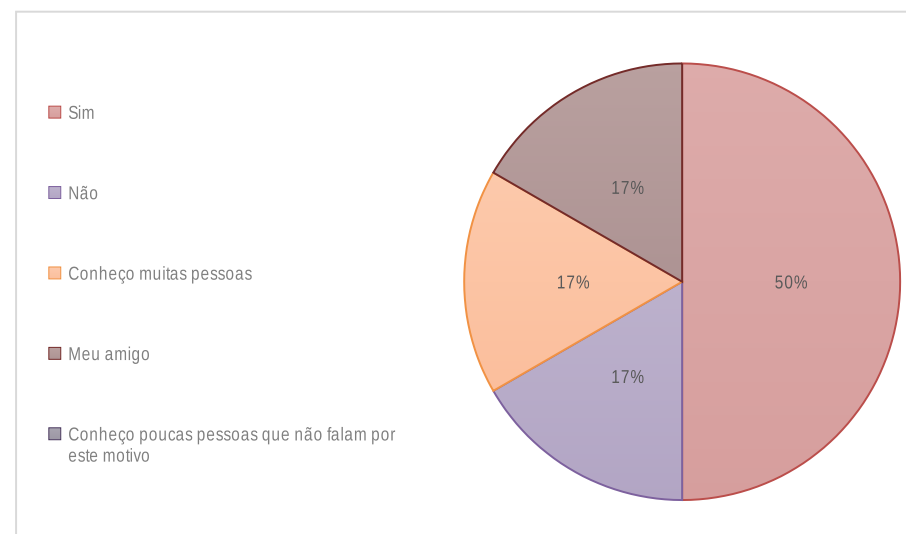
06 - Você conhece alguém que não fala por medo de errar?

Gráfico 11: Conhece alguém que não fala por medo de errar?
(Terra Firme)



Fonte: dados da pesquisa, 2018.

Gráfico 12: conhece alguém que não fala por medo de errar?
(Ribeirinhos)

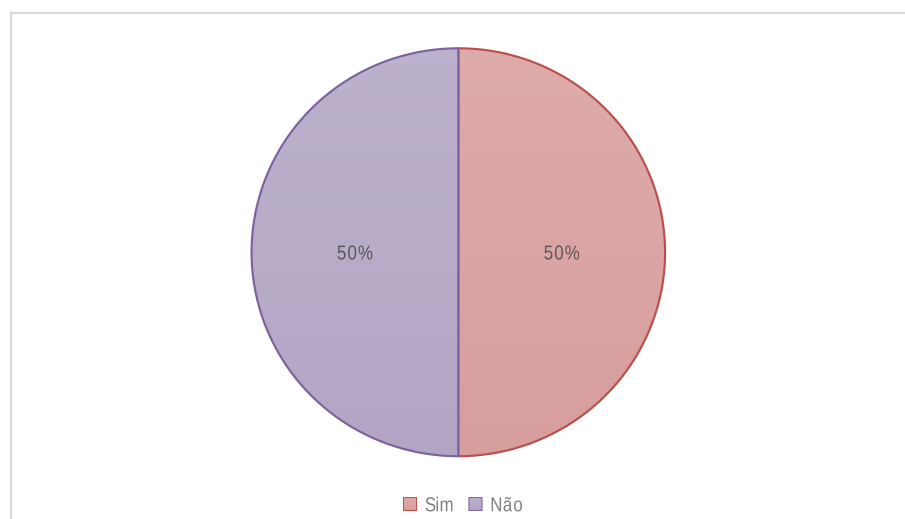


Fonte: dados da pesquisa, 2018.

Nos gráficos 11 e 12, que diz: se conhece alguém que não fala por medo de errar, 50% dos alunos da periferia dizem que sim, que conhecem, 33% dizem que sim, seus amigos e 17% não conhecem. Os alunos ribeirinhos 50% dizem que sim, 17% dizem que conhecem muitas pessoas, 17% dizem que seus amigos e 16% afirmam que não conhecem. Infelizmente é um triste dado, em ambas comunidades existirem pessoas que não falam por medo de errar e ficam refém de si mesmas. O não falar, ficar reprimida e reclusa, interfere na socialização e é um fardo que algumas pessoas carregam por meio do preconceito do outro, passando por cima até da comunicação, um ato essencial para todos.

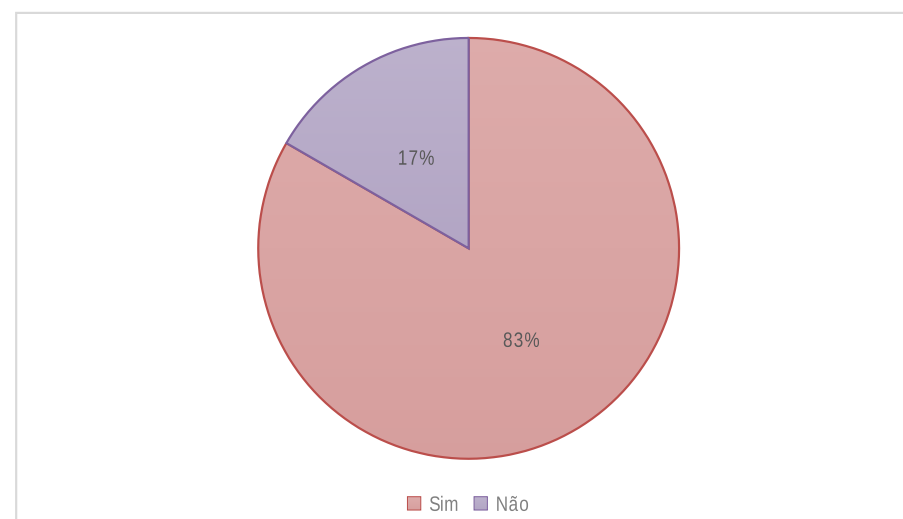
07 - Em sua opinião o desrespeito com a variação de fala (modo de falar) dos alunos afeta o desenvolvimento em sala de aula?

Gráfico 13: O desrespeito com a variação linguística afeta o desenvolvimento em sala de aula? (Terra Firme)



Fonte: dados da pesquisa, 2018.

Gráfico 14: O desrespeito com a variação linguística acontece no meio social? (Ribeirinhos)



Fonte: dados da pesquisa, 2018.

Nos gráficos 13 e 14, os alunos da comunidade ficaram divididos nessa questão, 50% disseram que afeta e 50% que não. Os ribeirinhos 83% dizem que afetam e somente 17% acham que não. Com os resultados podemos observar o quanto os alunos ribeirinhos são afetados no desenvolvimento individual e coletivo, dessa forma podemos perceber a dificuldade que esses alunos enfrentam no seu cotidiano, vendo a falta de respeito com a variação linguística na sala de aula, sendo que a variação se mantém viva em toda comunidade escolar.

Considerações finais

Concluiu-se que, apesar dos grupos entrevistados possuírem diferenças sociais e culturais, ambos sofrem com o preconceito linguístico, seja na comunidade escolar ou em suas próprias comunidades. O que se pode entender é que os alunos do bairro da Terra Firme se utilizam da prática do bullying como um reflexo do que eles sofrem no meio em que vivem, muitas vezes dentro de suas próprias casas. Logo, eles precisam demonstrar força e superioridade diante daqueles que eles enxergam como mais fracos, no caso os ribeirinhos. Diante disso, verificou-se que os alunos das ilhas, além de sofrerem preconceito linguístico, sofrem também preconceito regional.

Em conversa com técnicas em educação e professores da escola, percebeu-se que os próprios funcionários têm um tratamento diferenciado com esses alunos, o que nos fez entender que a discriminação não parte só dos colegas que residem na periferia, mas, infelizmente, o mau exemplo dado por esses profissionais também acaba refletindo no comportamento desses meninos. Na escola o termo “ribeirinho” é uma espécie de xingamento, tema de piada, quando querem ofender um ao outro dizem coisas como “parece até ribeirinho”. A prática ocorre diariamente e não há interferência dos responsáveis pela escola, visto que os mesmos também discriminam esses alunos, porém de uma forma um pouco mais implícita.

Em relação às correções, os professores declararam que preferem fazê-la em frente aos outros alunos, alegando que também servirá para conhecimento dos demais. No entanto, esses estudantes ao serem corrigidos, em sua maioria, sentem-se constrangidos na frente dos colegas, pois, o aluno sente-se desmotivado, incapaz, envergonhado. Logo, a correção dos professores, junto aos preconceitos sofridos

no ambiente escolar, acaba prejudicando o processo de ensino-aprendizagem dos alunos, provocando muitas vezes a evasão escolar.

É necessário que haja respeito em relação às condições sociais que envolvem a língua como um todo e que se tenha o pleno entendimento de que os desvios ocorridos na fala não são erros, são fenômenos fundamentados em teorias linguísticas. E segundo Bortoni-Ricardo (2004, p.75), é importante também que se passe ao aluno, que o falante, embora possa cometer desvios em uma linguagem informal, em um grupo de amigos, por exemplo, ele pode ter competência comunicativa para falar com qualquer interlocutor em qualquer circunstância.

Este trabalho foi importante para o entendimento do papel do professor, como educador diante das diversidades linguísticas e culturais. É imprescindível que se saiba como agir com esses alunos, com cuidado para que não os afete psicologicamente, por serem jovens que estão em processo de formação de personalidade e identidade.

O trabalho mostrou que, reconhecendo que as variações possuem suas características próprias, promovem riqueza à cultura e trazendo a pluralidade à linguagem. Assim, cabe ao profissional da educação investigar, pesquisar, estudar e mostrar argumentos ao seu alunado, auxiliando em sua formação como crítico e capaz de respeitar a importância das variedades linguísticas existentes em toda a sociedade para a definição de sua identidade cultural, pessoal e social.

Referências bibliográficas

BAGNO, Marcos. *A língua de Eulália: novela sociolinguística*. 17ª ed. São Paulo: Contexto, 2015.

BAGNO, M.; STUBBS, M.; GAGNÉ, G. *Língua materna: letramento, variação & ensino*. São Paulo: Parábola Editorial, 2002.

BAGNO, Marcos. *Nada na língua é por acaso: por uma pedagogia da variação linguística*. São Paulo: Parábola Editorial, 2007.

_____. *Português ou brasileiro? Um convite à pesquisa*. São Paulo: Parábola Editorial, 2001.

_____. *Preconceito Linguístico: o que é, como se faz*. 43ª. ed. São Paulo: Edições Loyola, 2006.

BARBOSA, Adoniran. *Samba do Arnesto*. CD Raízes do Samba, Faixa 3. EMI Music, 1999.

BECHARA, Evanildo. *Ensino da gramática: Opressão? Liberdade?* 9ª ed. São Paulo: Ática. Série Princípios, 1997.

BORTONI-RICARDO, Stella Maris. *Educação em língua materna: a sociolinguística na sala de aula*. 2ª ed. São Paulo: Parábola Editorial, 2004.

BORTONI, Stella. *Marcos Bagno fala sobre preconceito linguístico*. Disponível em: <http://www.stellabortoni.com.br/index.php/entrevistas/1414-maaios-bagoo-fala-sobai-paiiooiito-linguistio-78894042> (Acesso em 23mar2018.).

BRITTO, Luiz P. L. *À sombra do caos: ensino da língua x tradição gramatical*. Universidade Estadual de Campinas: ALB/Mercado de Letras, 1997. <http://repositorio.unicamp.br/handle/REPOSIP/270819> (acesso: em 20/04/2018)

CALVET, Louis-Jean. *Sociolinguística: uma introdução crítica*. São Paulo: Parábola Editorial, 2002.

CAMACHO, R. G.; ALKMIN, T. Sociolinguística. In: MUSSALIM, Fernanda; BENTES, Anna Christina. *Introdução à linguística*. 4.ed. São Paulo: Cortez, 2004, p. 21-76.

CARDOSO, Eliane. *Estudantes do Pará recebem formação pelo Projeto Mundiar*. 2017. <http://www.consed.org.br/central-de-conteudos/estudantes-do-para-recebem-formacao-pelo-projeto-mundiar> (acesso em: 28/05/2018)

FARACO. Carlos Alberto. *Norma culta brasileira: desatando alguns nós*. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

GUY, G.R.; ZILLES, A.M.S. *O ensino da língua materna: uma perspectiva sociolinguística*. Calidoscópio, v.4, n. 1, p. 39-50, jan. / abr. 2006.

LOPES, EDWARD. *Fundamentos da Linguística Contemporânea*. São Paulo: Editora Cultrix, 1999.

MARCONI, Marina de Andrade; LAKATOS, Eva Maria. *Técnicas de pesquisa: planejamento e execução de pesquisas, amostragens e técnicas de pesquisas, elaboração, análise e interpretação de dados*. 7 ed. São Paulo: Atlas, 2008.

POSSENTI, Sírio. *Por que (não) ensinar gramática na escola*. Campinas, ALB. Mercado de Letras, 1996, 96 p., Coleção Leituras do Brasil.

TARALLO, Fernando. *A Pesquisa Sociolinguística*. São Paulo: Ática, 1985.

TRAVAGLIA, Luiz Carlos. *Gramática e interação: uma proposta para o ensino de gramática*. 14ª ed. São Paulo: Cortez, 2009.